



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS -  
CAMPUS INCONFIDENTES**

**RAFAELA LOUISE DE OLIVEIRA FERRAZ**

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE  
INFANTIL**

**INCONFIDENTES – MG  
2013**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS -  
CAMPUS INCONFIDENTES**

**RAFAELA LOUISE DE OLIVEIRA FERRAZ**

## **A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Câmpus Inconfidentes, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil

**Orientadora: Prof.Ms. Paula Inácio Coelho**

**INCONFIDENTES – MG  
2013**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS  
CAMPUS INCONFIDENTES  
SEÇÃO DE REGISTROS ACADÊMICOS – SRA  
CEP: 37576-000 - FONE: (35)3464-1437

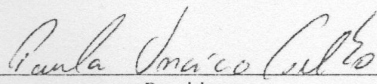
## FOLHA DE APROVAÇÃO

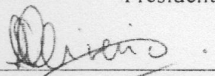
Título: **O nascimento de uma nova cultura infantil.**

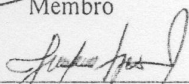
Autor: RAFAELA LOUISE DE OLIVEIRA  
Orientador: PROF. PAULA INÁCIO COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes-MG, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pós Graduação em Educação Infantil.

Aprovado em: 28 de Setembro de 2013.

  
\_\_\_\_\_  
Presidente

  
\_\_\_\_\_  
Membro

  
\_\_\_\_\_  
Membro

## **RESUMO**

Observando a história, vemos o homem em todos os momentos criando meios e recursos para viver melhor tanto em sociedade quanto com a natureza que o cerca. As tecnologias assim como os meios de comunicação como um todo, vêm sendo elaboradas, criadas, inventadas e reinventadas de acordo com as necessidades de cada momento histórico. Exemplo disso são os meios de comunicação como a TV, a internet e a mídia impressa que num primeiro momento eram utilizados apenas para informar, mas tornaram-se instrumentos de comunicação, interação, passando a exercer uma grande influência na vida das pessoas, mas principalmente sobre o público infantil interferindo no seu desenvolvimento e na construção da sua subjetividade. Hoje, todos nós temos em mente que os meios de comunicação já invadiram a vida das pessoas de forma significativa. Neste sentido notamos que a educação não está preparada para vivenciar e interagir nesta nova realidade que está invadindo seu espaço formador. Foi nesse contexto, que recorreremos à pesquisa bibliográfica para tentar sanar várias dúvidas que temos a respeito deste tema. Procuramos saber como se constituiu a infância ao longo do processo histórico, como surgiu e se estabeleceu a cultura midiática na sociedade vigente e qual a influência desta sobre o público infantil

**PALAVRAS-CHAVE:** socialização, mídia, educação infantil.

## **ABSTRACT**

Through the story, we have seen the human being in all the moments creating resources to live better both in society and the nature that surrounds him. The technologies as well as the media and means of communication as general, have been developed, created, invented and reinvented according to the needs of each age in history. Examples of this media are the TV, the internet and the press that at first were only used to inform people, but have been becoming instruments of communication, interaction, starting to exert a great influence in people's lives, but especially at the child's age interfering in his development and the construction of his subjectivity. Nowadays, we all do have in mind that the media has invaded people's lives significantly, and it was in this context that we perceive that education is not prepared to experience and interact with this new reality that is invading its generating space. It was in this context that we have turned to the literature search to try to solve and clarify many questions we have regarding on this issue. We sought to know how the childhood is set up throughout the historical process, how it is emerged and established as the prevailing media culture in society and the influence of the same media at the child age.

**KEYWORD:** socialization, media, childhood education

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 01	
Contexto Histórico .....	9
1.1. O nascimento do sentimento de infância na Cultura Ocidental.....	9
1.2. Inicia-se o processo de escolarização da criança.....	12
1.3. A infância no Brasil.....	17
CAPÍTULO 02	
2.0. O que é Mídia.....	19
2.1. Surgimento da televisão.....	23
CAPÍTULO 03	
3.0. A influência da mídia na construção da infância pós-moderna.	27
3.1. Possibilidades de interação entre educação e mídia no espaço escolar .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	42

## INTRODUÇÃO

Partindo do ponto de vista que o conhecimento não é algo externo a ser adquirido por meio da imitação do real, tampouco que o indivíduo se constrói independentemente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais, é antes de tudo uma construção histórica e social na qual interferem fatores de ordem cultural, psicológica e do meio em que vive.

Vivemos o tempo todo nos informando e transformando, para isso utilizamos recursos naturais e tecnológicos, ao longo de sua existência o homem buscou criar meios para sua sobrevivência, meios esses que a cada momento eram aprimorados de acordo com as necessidades que surgiam.

As tecnologias assim como os meios de comunicação como um todo, vêm sendo elaborados, criados inventados e reinventados de acordo com a necessidade de cada momento histórico, exemplo disso são os meios de comunicação como a TV, a internet e a mídia impressa que num primeiro momento eram utilizados apenas para informar, mas tornaram-se instrumentos de comunicação e interação, passando a exercer uma grande influência na vida das pessoas, mas principalmente sobre o público infantil interferindo na construção da subjetividade infantil e da sua formação moral e social.

Hoje estes recursos invadiram a vida das pessoas, a escola, as residências e principalmente o cotidiano infantil de forma que transformaram as relações sociais e educacionais.

Diante disso acreditamos que a escola não pode ignorar as transformações pelas quais passa seu aluno e principalmente o mundo digital e tecnológico em que ele está inserido. As novas tecnologias transformam significativamente não só nossa maneira de comunicação, mas o modo de trabalhar, de relacionar, de tomar decisões, de pensar e até mesmo de consumir. Sendo assim surge a necessidade da escola incorporar as novas tecnologias como suporte para a comunicação entre escola, pais e educadores, membros da comunidade e de outras organizações, podendo ainda usar esta poderosa ferramenta para enriquecer o trabalho

pedagógico e a criação de um fluxo de informações e de trocas de experiências, que dê maior significado à aprendizagem, permitindo assim que nossas crianças enfrentem as dificuldades e a própria realidade de maneira mais criativa e prazerosa. Que a escola busque ainda alternativas para inserir as novas tecnologias no currículo escolar de maneira que possa auxiliar a criança no seu desenvolvimento, na construção do conhecimento e ainda trazendo a realidade desta para dentro da sala de aula, tornando o ambiente escolar mais interessante e adequado à infância pós-moderna.

A inclusão das Tecnologias na sala de aula priorizando atividades contextualizadas e significativas que, além do acesso à informação, proporcionem as crianças tornarem-se sujeitos mais críticos e produtores de conhecimento, centrando no desenvolvimento e na participação da sociedade.

Acredita-se que o uso adequado, destes recursos na sala de aula, pode proporcionar uma melhora na qualidade da educação e um interesse maior do aluno, já que estes fazem parte da sua realidade pessoal e social, totalmente moderna e diferente do tradicionalismo ainda impregnado nas instituições escolares. Ao professor cabe ter um olhar diferenciado sobre as informações adquiridas pela criança através dos meios de comunicação, buscando orientá-la sobre os valores transmitidos pelos meios e os necessários para uma vida em sociedade para que a própria criança construa seu conhecimento e a capacidade de interagir criticamente diante das diversas informações e conteúdos abordados pela mídia, sejam eles positivos ou negativos.

Todo nosso Trabalho de Conclusão de Curso é composto de três capítulos. No primeiro capítulo buscamos entender como a criança que conhecemos surgiu e se desenvolveu desde a Idade Média até os dias atuais, como ela foi se construindo e se transformando ao longo da história e como nasceu esse “Sentimento de Infância” que vivenciamos atualmente. No segundo capítulo fazemos um levantamento sobre o que é mídia e quais são suas implicações na sociedade, estudando principalmente a TV, buscando entender como surgiu este fenômeno e se estabeleceu como uma forma de cultura popular na sociedade pós-moderna. No terceiro capítulo deste trabalho, ressaltamos também como a mídia penetrou na sociedade, influenciando o processo cultural e educacional, transformando os modos



de transmissão de conhecimento, gerando assim movimento na educação e ao mesmo tempo uma preocupação quanto à exposição excessiva da criança não só às informações e ao entretenimento, mas também a conteúdos perigosos. Embasadas nesta visão, o terceiro capítulo faz frente ao fato que vivemos uma sociedade pós-moderna onde os meios de comunicação fazem parte da vida das pessoas. Pode-se então dizer que vivemos uma sociedade midiática.

Neste trabalho, procura-se, portanto, discutir o papel não só da escola, mas também de pais e professores diante do uso das tecnologias midiáticas no processo de construção da subjetividade infantil, numa perspectiva crítico-reflexivo.

## CAPÍTULO 01

### CONTEXTO HISTÓRICO

O estudo da história da infância na Cultura Ocidental, mas no nosso caso principalmente no Brasil vem nos mostrar como e quando se constituiu este sentimento, este olhar diferenciado sobre a criança e como se estabeleceu sua educação. A pesquisa irá abordar uma concepção histórica da infância, não assistencialista buscando sempre a historicidade em si, a fim de conhecer um pouco melhor como construímos a infância que observamos hoje

#### 1.4. O nascimento do sentimento de infância na Cultura Ocidental

Na Idade Média não se via a criança como um ser diferente do adulto, ela era vista apenas como “mais um”. Tal sociedade via mal a criança e o adolescente.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.” (ÁRIES, 1978. Pg. 52)

Segundo Philippe Áries até o Séc. XVII existia a ausência de um sentimento de infância, a criança assim era vista e tratada como um “pequeno adulto” ou um “futuro adulto”. A duração da infância somente era considerada no seu período mais frágil. A partir dos três ou quatro anos, as crianças já participavam das mesmas atividades dos adultos, inclusive orgias, enforcamentos públicos, trabalhos forçados nos campos ou em locais insalubres, além de serem alvos de todos os tipos de atrocidades praticados pelos adultos, não parecendo existir nenhuma diferenciação maior entre elas e os mais velhos. A passagem ou permanência da criança no meio familiar e mesmo na sociedade era breve e insignificante e este curto tempo de convivência impedia a sensibilização do adulto pela criança

Não existia ainda por parte da família a constituição de vínculos emocionais com esta criança, que quando adquiria certa independência física era logo afastada do convívio familiar e passava a participar dos trabalhos e jogos praticados pelos adultos. De criança pequena e frágil se transformava diretamente em homem jovem sem passar pelas fases de sua infância ou juventude, tal como conhecemos hoje, principalmente a partir dos estudos sobre o desenvolvimento infantil realizados por Piaget e Vygotsky

A transmissão de valores ou de conhecimentos, ou seja, a socialização da criança não era considerada ou controlada pela família, a educação acontecia pela aprendizagem na prática, pela convivência da criança com os adultos.

Desta forma quando não conseguia sobreviver a estas condições de falta de cuidados específicos e assistência por parte da família, logo era substituída por outra. Assim podemos considerar que a criança era ignorada em suas necessidades e diferenças.

Não se pensava como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. "As minhas morrem todas pequenas", dizia ainda Montaigne. Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época. Persistiu até o século XIX, no campo, na medida em que era compatível.

Consta que durante muito tempo se conservou no País Basco o hábito de enterrar em casa, no jardim, a criança morta sem batismo. Talvez houvesse aí uma sobrevivência de ritos muito antigos, de oferendas sacrificais. Ou será que simplesmente as crianças mortas muito cedo eram enterradas em qualquer lugar, como hoje se enterra um animal doméstico, um gato ou um cachorro? A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos. (ÁRIES, 1978. pg. 44)

Para Áries o sentimento de infância data do século XIX sentimento que supostamente surgiu na classe burguesa, portanto iria do nobre ao pobre. Mas vale ainda lembrar que o que realmente ocasionou alterações nas formas do trato com as crianças foram preocupações de médicos higienistas, quanto ao aumento de doenças e a mortalidade infantil.

Assim segundo Áries os mais abastados influenciados por uma cristianização mais profunda dos costumes e a proliferação da varíola passaram a atribuir uma sensibilização maior a esses seres frágeis e ameaçados, uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só agora descobrisse que a alma da criança também era imortal. O mesmo relata que com a proliferação da varíola alguns pais buscaram e fizeram questão de vacinar suas crianças, a fim de protegê-las. Esta preocupação trouxe ainda um novo estado de espírito que deve ter beneficiado também outras práticas de higiene, favorecendo a redução da mortalidade infantil e difundindo a diminuição da natalidade, já que se a criança não morria não seria preciso substituí-la, influenciando assim a transformação demográfica da sociedade.

Um novo sentimento de infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”.  
(ÁRIES, 1978. Pg.146)

Este primeiro sentimento de infância, a “paparicação” aconteceu no ambiente familiar, diferente do segundo proveniente do meio eclesiástico, ou seja, dos homens da lei, dos moralistas da época que viam a necessidade de proteger e ao mesmo tempo disciplinar a criança, pois não admitiam a ideia de amar a criança “como passatempo, como se fossem macacos, ou animaizinhos de estimação”, para eles a criança deveria ser separada do adulto, pois essa convivência permitia que fossem mimadas e se tornassem mal educadas.

Segundo Áries foi entre os moralistas e os educadores do século XVII que se formou esse outro sentimento da infância que influenciou toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo. O apego à

infância e a sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. Este sentimento passou também, mais tarde, para a vida familiar.

A partir deste momento a criança passa a ter a preocupação dos adultos tanto no que diz respeito a sua educação, quanto à preocupação com a sua higiene e saúde física, desta forma a criança assume um lugar de destaque nas famílias.

### **1.5. Inicia-se o processo de escolarização da criança**

A educação neste momento era oferecida a um pequeno número de pessoas, pelos clérigos. Não acontecia como hoje uma separação, considerando-se as idades das crianças, porém acredita-se que as crianças iniciavam a vida escolástica aos 10anos, e seu maior objetivo era isolar, separar a criança do adulto no período de sua formação moral e intelectual. Esta transformação do modo de tratar e ver a criança durante os séculos XV ao século XVIII gerou resistência tanto dentro do próprio colégio como na camada não escolarizada da população, persistindo por muito tempo ainda os traços comuns da Idade Média.

Vi os estudantes na escola, diz Robert de Salisbury no século XII. Seu número era grande (podia ser superior a 200). Vi homens de idades diversas: pueros, adolescentes, juvenes, senes", ou seja, todas as idades da vida, pois não havia uma palavra para designar o adulto, e as pessoas passavam sem transição de juve-nes a senes. "(ÁRIES, 1978. Pg. 155)

Segundo Áries os alunos estavam sob a autoridade do mestre, mas assim que terminavam a lição escapavam a esta autoridade e na vida cotidiana eram abandonados a si mesmos, a não ser, aqueles que viviam com os pais, o que era raro, ou em regime de pensão na casa do próprio mestre, de padres ou cônegos, condições que eram fixadas por um contrato de aprendizagem. Mas em sua maioria os alunos moravam onde podiam comuns habitantes locais ou vários em um mesmo quarto, desta forma as crianças novamente se misturavam aos adultos e as idades não importavam. Era uma indiferença enraizada na vida medieval e comum a eles,

pois como poderiam se importar com uma ideia inexistente para eles. Elemento que se tornaria fundamental no século XIX e nos dias atuais.

Assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos. Essa confusão, tão inocente que passava despercebida, era um dos traços mais característicos da antiga sociedade, e também um de seus traços mais persistentes, na medida em que correspondia a algo enraizado na vida. Ela sobreviveria a várias mudanças de estrutura. A partir do fim da Idade Média, percebem-se os germes de uma evolução inversa que resultaria em nosso sentimento atual das diferenças de idade. (ÁRIES, 1978. Pg. 156 )

A escola não possuía instalações próprias, era organizada em qualquer lugar até mesmo nas esquinas das cidades ou na casa dos mestres, os alunos se sentavam no chão e ali estudavam. Multiplicava-se o número de escolas particulares. Sentindo-se ameaçados, os cônegos e a escola da catedral, (para se defenderem tirar,) tentaram impor limites à atividade de seus concorrentes proibindo o ensino mais avançado do que o da gramática rudimentar.

Mais tarde, por volta do século XIV passou-se a usar bancos, alugavam-se salas para a ministração das aulas e os mestres esperavam seus aprendizes como um comerciante seu cliente.

Segundo ÁRIES, no século XIII os colégios eram como asilos que atendiam estudantes pobres e eram financiados por doadores. Não se ensinavam nos colégios, os bolsistas que ali viviam se inspiravam em regras monásticas e assim subsistiam como em pequenas comunidades democráticas, que mais tarde no século XV se tornariam instituições de ensino em que uma camada mais numerosa da sociedade seria submetida a uma hierarquia autoritária que passou a ser ensinada no local.

Finalmente, todo o ensino das artes passou a ser ministrado nos colégios, que forneceriam o modelo das grandes instituições escolares do século XV ao XVII, os colégios dos

jesuítas, os colégios dos doutrinários e os colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien Régime, mais distante dos primeiros colégios de bolsistas do século XIV do que de nossos colégios de hoje, diretamente anunciados por ele apesar de diferenças importantes, e, sobretudo, da ausência de internato. O estabelecimento definitivo de uma regra de disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude. (ÁRIES, 1978. Pg.157)

O autor ainda relata que tais mudanças e evoluções da instituição escolar estão atreladas a uma evolução paralela dos sentimentos das idades e da infância, o que no início era aceito sem dificuldades, a mistura das idades, agora era repugnado. Mas isso se deu dentro dos colégios, de início com as crianças menores, alunos de gramática, foram distinguidos no sentido de que deveriam estar separados para uma melhor aprendizagem, sentimento que mais tarde também foi atribuído aos maiores, alunos de lógica, mas fora do colégio ainda persistia a ausência deste sentimento e diferenciação. O verdadeiro objetivo desta separação no início não era de distinguir a criança do adulto, no entanto a distinção etária tinha objetivo de proteção moral das crianças.

Mesmo tendo a educação inspirada nas fundações monásticas do século XIII os estudantes não estavam envolvidos com nenhum tipo de voto, mas tal separação da criança da sociedade acontecia dentro dos colégios protegendo e oferecendo assim uma educação, mesmo que leiga, mas uma educação diferenciada. Educação que segundo ARIES começa a se tornar imprescindível e a ganhar força no século XIV.

Mais tarde, o objetivo fixado para esse tipo de existência, a meio caminho entre a vida leiga e a vida monástica, se alterou. No início, ele fora considerado um meio de garantir a um jovem clérigo uma vida honesta. A seguir, adquiriu um valor intrínseco, tornou-se a condição imprescindível de uma boa educação, mesmo leiga. A ideia de educação era estranha concepção do início do século XIV. (ÁRIES, 1978. Pg. 158)

Os mestres neste momento da história exerciam uma responsabilidade moral sobre as crianças, além da responsabilidade de instruir, a disciplina tradicional praticada nos colégios era autoritária e hierárquica, o colégio se transformou então em um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral.

O colégio se tornou uma instituição essencial à sociedade, se abrindo em meados do século XVI não só a pequena minoria de clérigos letrados, mas também a um número cada vez mais crescente de leigos, nobres e burgueses assim como a famílias mais populares, reunindo alunos de 8 ou 9 anos até mais de 15, com classes numerosas, corpo docente separado e rigorosa disciplina que submetia os alunos a uma lei diferente da que governava no mundo adulto.

Nasce assim um modelo de educação voltado para as crianças e ao mesmo tempo, mas não com a mesma intensidade, o colégio, aos poucos e ao longo de sua existência, começa a diferenciar e a formar classes ou grupos de alunos que obedecem ao mesmo nível ou que simplesmente tinham mais ou menos a mesma idade.

Segundo Áries essa distinção das classes indicava, portanto, uma conscientização da particularidade da infância ou da juventude, e do sentimento de que no interior dessa infância ou dessa juventude existiam várias categorias. A instituição do colégio hierarquizado no século XIV já havia retirado a infância escolar da barafunda em que, no mundo exterior, as idades se confundiam. A criação das classes no século XVI estabeleceu subdivisões no interior dessa população escolar. A iniciativa desta primeira divisão foi Flamenga e Parisiense, formação que subsistiu na Inglaterra até metade do século XIX.

Esta mudança, porém, não acontece e se torna única, mas acontece de maneira gradual e depois de muitas tentativas longas e empíricas. Portanto, a separação de idades só foi teoricamente reconhecida e firmada mais tarde, quando outras separações seriam feitas como a (separação – tirar) dos nobres e pobres, os primeiros receberiam uma educação secundária, mais longa e completa, já o



segundo grupo receberia apenas uma educação primária, curta e deficiente, que os preparasse para o trabalho. Não muito diferente das discrepâncias que vemos hoje.

Outro ponto importante deste início da escolarização das crianças no Mundo é que neste colégio meninas não eram aceitas. As mesmas recebiam uma educação voltada para a religião, para a organização da casa e da família e quase todas, tanto as de famílias nobres quanto as de famílias pobres, eram semi-analfabetas ou completamente analfabetas.

Este processo de escolarização das crianças passou ainda por várias transformações nas quais não vamos nos aprofundar. Pois o intuito deste trabalho é inicialmente mostrar como se deu o sentimento de infância que vivemos hoje e como tanto o sentimento de infância como o processo de educação da mesma se transformou ao longo da história.

## **1.6. A infância no Brasil**

O sentimento e a diferenciação da infância só chegam ao Brasil no século XIX, quase dois séculos depois da Europa. Considerando que o processo educacional no Brasil teve seu início no Séc. XVI com o ensino catequético dos Jesuítas que já fazia uma educação direcionada para as diferentes classes sociais, (aos índios um ensino voltado para o trabalho, aos nobres direcionados à administração para que mais tarde pudessem conduzir os negócios) assim podemos perceber onde foram fincadas as raízes da educação no Brasil, uma educação autoritária e reprodutora da desigualdade social.

Segundo Fontes (2005), é importante ressaltar que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social.

Assim a infância no Brasil foi marcada pela desigualdade, pela exclusão e dominação marcas que acompanham a evolução da nossa história atravessando a Colônia, o Império e a República. Conservando ainda hoje múltiplas formas de

desigualdades sejam elas na distribuição de renda, de terra, do saber, do conhecimento ou mesmo no exercício da própria cidadania.

O nascimento deste sentimento de infância no Brasil não foi suficiente para implantação da educação das crianças. Ao contrário disso o que fez com que nascesse de certa forma a educação das crianças pequenas foi o crescimento econômico, e conseqüentemente a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Assim a História da Educação Infantil está fortemente atrelada à história da infância, as transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil e no Mundo.

Porém, as instituições criadas para este tipo de atendimento exerciam um caráter assistencialista, com o intuito somente de cuidar das crianças enquanto as mães trabalhavam diferente do modelo Europeu que já se preocupava com o caráter pedagógico.

Assim a construção das instituições de Educação Infantil se baseou no assistencialismo aos filhos de mães trabalhadoras e mais tarde também aos pobres e desvalidos da sociedade, se constituiu ao longo de sua história num atendimento precário, desorganizado e controlador.

As legislações de 1990 ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a LDB de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) vieram para garantir a criança seu direito a uma educação de qualidade e para a totalidade da população. Assim como reconhece o Estado, um dos principais responsáveis pelo oferecimento desta educação, que por séculos ficou a cargo de organizações filantrópicas e da própria família. Portanto, o pouco que se fazia antes da promulgação da lei, era visto como um favor aos necessitados, por isso se fazia como e quando queria.

A educação dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996).

Com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, passando a definir todas as crianças como sujeito de direitos, com necessidades específicas decorrentes de seu desenvolvimento peculiar, e que por conta disso, deveriam receber uma política de atenção integral a seus direitos construídos social e historicamente, não significou uma real mudança no trato com as crianças.

Mas é aí que começa a nascer à infância moderna que conhecemos hoje da qual trataremos nos capítulos seguintes.

Buscamos entender o que é Mídia e ao mesmo tempo como esta se tornou uma cultura popular na sociedade, de uma forma que passou a ocupar grande parte do tempo das famílias com seus produtos, exercendo uma forte e complexa influência sobre a vida e a formação da sociedade pós-moderna que vivenciamos.

Trazemos ainda contribuições na construção da uma infância bem diferente daquela que observamos na Idade Média.

## CAPÍTULO 02

“Gente miúda, mas gente em processo de busca gente formando-se, crescendo.” (FREIRE, 1984a, p.1).

### 2.0. O que é Mídia?

Iremos abordar neste capítulo o que é mídia e suas implicações sociais sobre a criança e a construção da sua subjetividade, mantendo o foco da pesquisa sobre a mídia televisiva que é a mais consumida pelo público infantil, embasando-nos na perspectiva de Mello e Fischer.

Segundo Melo (2008), mídia trata-se de uma expressão latina “media” que significa “meio”, “veículo”, “canal”. Mídia está relacionada com a indústria de bens simbólicos, representa um amplo sistema de produção, circulação e consumo de bens culturais. Produzido por redes tecnológicas que movimentam essa indústria cultural. Está na esfera pública, portanto um direito de todos, mas é gerida por empresas privadas ficando assim a mercê dos interesses comerciais e financeiros de seus dirigentes. A palavra mídia é hoje popularíssima, com direito a verbete nos dicionários.

Mais do que dicionarizar, os brasileiros estabelecem com a mídia uma relação “macunaímica”. Qualquer pessoa do povo se refere a esse tipo de fenômeno com bastante familiaridade, cordialidade, intimidade. (MELLO, 2008,p.30)

A mídia televisiva possui uma forte fonte de poder, não só financeiro, pois se mantém e gera lucros, mas principalmente no sentido de influenciar a opinião pública de maneira significativa, tanto economicamente exercendo o incentivo constante ao consumo e crescimento pessoal através de seus produtos, como politicamente formando e informando seus telespectadores sobre o mundo político, de maneira que possa com isso, alcançar seus próprios interesses manipulando de certa forma o acesso da informação a população no intuito de influenciar de

maneira implícita a opinião, o voto, as pesquisas, se tornando assim uma intermediadora entre o público e o mundo político.

Ela transmite tanto editais do governo, anúncios de empresas, quanto avisos e notícias da sociedade civil. Desta forma atuando em todos os setores da sociedade tem possibilidade de barganhar sua independência editorial, assim não precisa ficar subordinada ao poder público.

Segundo Mello (2008), estamos diante de um dilema histórico. Esse dilema ancora-se na hipótese de que a mídia funciona como um quarto poder, além do Legislativo, Judiciário, e do Executivo.

A mídia, em verdade, não chega a ser o quarto poder para constituir-se num tipo de Supra-poder, assumindo o papel de instância que influencia a população, passando por cima do Legislativo, do Judiciário e do Executivo. Por isso mesmo reivindica-se que ela seja monitorada pelos poderes constituídos, na tentativa de evitar que se converta num poder paralelo. (MELLO, 2008, pg.35)

Tamanho a força deste veículo de informação que o autor relata a necessidade de regulação e acompanhamento da sua influência buscando inibir seu poder sobre a população e até mesmo sobre a política.

A Carta Constitucional Brasileira e a Constituição Cidadã de 1988 vedam a censura à mídia, o que faz com que seu poder de influência se torne cada vez maior e mais forte sobre a população, a mídia é um sistema de elite, controlada pelas forças do poder econômico, pelo governo ou por uma auditoria cívica, porém se destina as massas.

Portanto segundo Mello (2008), a mídia tem duas caras: um meio de elite dirigido às massas. Acompanhada de grandes contradições à televisão, por exemplo, tem o poder de propagar bens culturais, símbolos, sons, imagens tornando-os acessíveis a população, porém nada disso seria possível se ela não explorasse sua função econômica no sentido de financiar sua própria produção.

Desta maneira ao mesmo tempo em que informa e dissemina a cultura a mídia, também utiliza-se do seu poder de transmissão e popularidade, já que está presente em 90% dos lares brasileiros, para se financiar e obviamente gerar lucros, que é seu principal objetivo, beneficiando a si mesma e também seus contratantes, as grandes corporações.

Empresas que não possuem nenhum caráter educativo, ao contrário disso estão somente interessadas no crescimento financeiro, fazendo da mídia uma arma poderosa para alcançar seus objetivos.

Conforme Mello (2008) é importante lembrar que, historicamente a mídia dependeu da expansão da educação com vistas à alfabetização para a formação de mercados e públicos consumidores.

Mantendo esta relação entre mídia e educação é a mídia quem sai ganhando, pois explora o campo educacional fazendo pesquisas e estudos do seu público no sentido de endereçar seus produtos a consumidores específicos, atuando assim de maneira mais eficaz e competente. Fazendo com que o consumidor acredite que aquele produto foi feito para ele, elevando os índices de consumo e de influência sobre os telespectadores.

Enquanto isso a educação formal vem perdendo o interesse e a credibilidade da sociedade, mas principalmente da criança telespectadora, que se interessa muito mais por um programa infantil do que por um simples livro onde ela precisa ler, pensar e imaginar a história diferente da televisão que já lhe oferece a história pronta.

Analisar a linguagem desses produtos, em seus detalhes, em suas mínimas escolhas estéticas de uso da imagem, dos sons, da música, dos planos, dos diálogos, dos tempos – é considerar que há um endereço para aquele produto, que ele existe e é feito para chegar a alguém, para seduzi-lo, chamá-lo a ver, gostar e reconhecer-se. (MELLO, 2008, pg.84)

Ainda segundo o autor as representações oferecidas pela TV são produzidas e consumidas a partir de diferentes instâncias e estão submetidas a processos de

regulação social e a relações de poder mais ou menos explícitas. Isso está diretamente ligado à construção de valores, a cristalização de conceitos e preconceitos, a formação do senso comum, a constituição de identidades sociais, de gênero, geracionais, étnicas, sexuais, políticas, a produção de subjetividades.

A televisão, a mídia mais consumida pelas crianças, está presente em 90,4% dos domicílios brasileiros, alcançando 5564 municípios, se constituindo o maior e principal elo entre a criança e o mundo.

Dado preocupante observando que a mídia possui o poder já citado anteriormente e que a criança não possui condições de distinguir realidade de imaginação, sendo assim cada vez mais influenciada pelas grandes corporações que são na sua maioria as produtoras de mídia.

Segundo Mello (2008) Seu impacto sobre a sociedade nacional é incomensurável (...). Dela se apoderam os vendedores de bens e serviços, bem como os mercadores da fé e da política.

Portanto o poder e a influência exercidos principalmente pela TV sobre seu público tornam-se indiscutíveis. Desta forma se faz necessário reconhecer a mídia como um lugar de saber, que condiciona e influencia a sociedade e principalmente a criança em conjunto com a família e a escola no processo de formação do indivíduo.

O desafio posto é a compreensão de um mundo cujo perfil se define cada vez mais pela mídia, entendida aqui como uma dimensão institucional da própria sociedade, e não como uma estrutura que lhe é exterior. (MELLO, 2008, pg.50)

Entendendo que a TV está presente quase que na totalidade dos lares brasileiros e que a mesma exerce uma forte influência sobre seu público, vamos tentar compreender como surgiu este fenômeno tecnológico e midiático, que se tornou um fato cultural na sociedade pós-moderna.

## CAPÍTULO 03

### 3.0. A influência da mídia na construção da infância pós-moderna

Vimos até agora como se constituiu a infância ao longo da história e como surgiu e se estabeleceu os processos midiáticos como uma nova cultura na sociedade moderna. Neste contexto iremos observar ainda como a mídia e seus produtos influenciam os processos educacionais e a construção da infância pós-moderna, se tornando atualmente um novo lugar do saber, ao lado da escola e da família. Faz-se necessário neste momento não só entender a mídia, mas entender como estamos consumindo a mídia. Como estamos nos relacionando com ela?

Vivemos numa sociedade onde a comunicação se desenvolve em múltiplas redes, embora a mídia prevaleça como instituição hegemônica. Recebemos mídia por todos os poros. A cada passo que damos, cotidianamente, esbarramos em artefatos midiáticos: livros, jornais, rádios, televisores (...). Por isso vale a pena explicar o significado daquilo que se convencionou rotular como “Idade Mídia”. (MELLO, 2008, pg.29)

Segundo STEINBERG (2004) a infância passa por uma crise causada pela grande influência do que a autora chama de “pedagogia cultural” que coloca a educação no âmbito social e não mais limitando a mesma somente a escola.

As organizações que criaram este currículo cultural não são educacionais e sim comerciais, que operam não para o bem social, mas para o ganho individual. (STEINBERG, 2004, pg. 15)

Segundo a autora uma nova cultura surge supostamente com o intuito de oferecer educação, informação e entretenimento, mas por outro lado tem usado seus recursos e influências não para a formação e transformação social de maneira que possa democratizar as informações, principalmente a educação, mas ao contrário disso tem aproveitado do poder sobre seu público, conquistado ao longo da história e evolução das mídias, para obter lucros e dominar as classes populares que são as maiores consumidoras deste tipo de produto.



A televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, especularizou de tal forma o corpo social, que nada mais pode lhe ser “exterior”, pois tudo que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece, portanto para a *tevé*. Aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e à sensibilidade do homem contemporâneo. Não se diz mais que a televisão “fala” das coisas que acontecem; agora ela “fala” exatamente porque as coisas acontecem nela. (MACHADO, 1988, pg. 8; apud. FISCHER, 2006, pg.17)

Ainda segundo o autor a presença da TV na vida cotidiana possui grandes repercussões nas práticas escolares, na medida em que as crianças e todas as camadas sociais aprendem modos de ser e estar no mundo, também, nesse espaço da cultura. Construindo modos de existência que não apenas “refletem” o que acontece na sociedade, mas se constituem eles mesmos como modos de vida produzidos pela TV e pela mídia de uma maneira geral.

Gerando assim uma nova forma de formar, socializar e interagir com o conhecimento, agora produzido também pela mídia, que com sua interatividade e recursos tecnológicos tão fascinantes ao público infantil, torna-se muito mais atrativo e interessante do que a educação escolar.

Neste contexto as maiores vítimas deste novo processo “formador”, “educador” e capitalista de se produzir conhecimento e cultura são as crianças que por ainda não possuírem capacidade cognitiva para distinguir e interpretar aquilo que assistem e a realidade editada e construída pela mídia tem suas percepções de realidade influenciadas por estes meios.

A expansão das informações e das culturas midiáticas tem influenciado ainda a autoimagem e visão de mundo das crianças. Fazendo com que estas muitas vezes sejam privadas do convívio social, passando a interagir por horas no seu dia a dia com as mídias, sendo assim “educadas e domesticadas” por estes.

Segundo dados do Instituto Alana a criança brasileira de 4 a 11 anos passa em média 5 horas diárias em frente à TV, é a maior média do mundo. Apresenta o fato que 80% das crianças participam do processo de decisão do que se compram

em sua casa, esses dados fazem com que 550 comerciais sejam voltados para a criança e discute a problemática do consumo apontando que 80% delas preferem ir ao shopping a ir ao parque.

A pesquisa discute intensamente a relação da criança com o consumo, concluindo, que a mídia explora este público fiel e “atenado” aos ditos da moda, para obter lucros. As grandes corporações exploram a imaginação e fantasia infantil usando personagens em seus produtos que agradam e interessam as crianças de tal forma que queiram sempre adquirir novos objetos para suas intermináveis coleções.

Este conceito de consumismo exagerado vivido pela infância pós-moderna faz com que a criança sinta “necessidade” de consumir cada vez mais para se sentir aceita, para se sentir igual ao seu grupo de convívio (já que ser diferente geralmente não é aceito pela nossa sociedade) e principalmente para satisfazer seus desejos individuais, desejos estes gerados e criados pela própria mídia.

A cultura popular oferece às crianças experiências emocionais intensamente diferentes de qualquer outra fase de sua vida, exercendo poderosa influência na construção da identidade das crianças, assim como a forma com que futuramente venham a organizar suas vidas.

Assim os produtores e detentores desta “cultura popular” e ao mesmo tempo corporativa, já que a infância se tornou objeto de lucros, investimentos e principalmente de consumo desenfreado, acabam exercendo certo poder não só sobre as crianças, mas também sobre a família, que se rende as vontades e desejos infantis.

Conforme GIROUX, crianças educadas pela mídia chegam ao conhecimento de uma maneira bem diferente.

O conhecimento da mídia vem a ser não um raro acréscimo a um currículo tradicional, mas uma prática básica necessária para negociar a identidade do indivíduo, valores, e estar numa hiper-realidade

saturada pelo poder. (GIROUX, apud.STEINBERG, 2004, pg.22)

Podemos observar que não se trata de simples entretenimento ou difusão de informações, mas sim de uma forma incontrolável e “divertida” de controlar, influenciar e dominar este público tão vulnerável.

Tomando como base o consumo da TV que é a mais utilizada pelas crianças podemos perceber que a programação infantil possui um cunho extremamente capitalista e ideológico no sentido de influenciar o indivíduo a consumir não só o produto, como também suas convicções.

Segundo Fischer (2006) um dos aspectos dessa realidade é justamente o da precariedade da própria educação. Tornando bem mais difícil e complicado separar, por exemplo, o que seria “material”, econômico, daquilo que seria propriamente “cultural”, tal a interpenetração desses no campo da vida social contemporânea. Neste sentido, na visão da autora, a escola não está suficientemente equipada e capacitada para direcionar-se para a “criança telespectadora” porque não fala a mesma língua, não interage na realidade desta nova criança midiática e tecnológica.

Já a linguagem da TV está totalmente voltada e meticulosamente estudada para capturar a atenção e a emoção de seu público, endereçando especificamente seus produtos e programas ao público infantil que é o mais lucrativo e de fácil acesso, pois são os mais expostos às transmissões midiáticas.

A autora relata ainda que a publicidade e a indústria de entretenimento “não brincam em serviço”, seus produtos são realizados para alguém concreto e real, para alguém com quem mantém uma relação particular, no intuito de que este “complete” a história narrada, a mensagem de venda, as informações contidas naquelas imagens ou sons. Uma relação perigosa para a infância, pois ainda não possuem capacidade de distinguir e interpretar tais conteúdos de maneira crítica.

Desta forma as corporações produtoras de mídia se tornam as grandes educadoras culturais e também políticas da infância “pós-moderna”.

Sem dúvida o currículo da TV para crianças, no último esgar do século XX, não é elaborado pela fidelidade dos grandes da mídia aos princípios da democracia. Interesses comerciais ditam a cultura infantil da mídia; a margem de lucro é muito importante para que se importem com o que concerne ao bem-estar das crianças (STEINBERG, 2004, pg.24)

Conforme STEINBERG (2004) pais e educadores têm de entender que os seres humanos são o produto histórico dos mecanismos do poder, uma apreciação muitas vezes esquecida no mundo diário.

Sendo produtos dos mecanismos de domínio, precisamos observar e avaliar o grande poder que a mídia tem exercido sobre nossas crianças ditando e editando uma realidade vista pela criança como verdade.

Em pesquisa mais recente, a UNICEF demonstrou que crianças brasileiras são, no mundo, as que mais permanecem em frente a TV. Em contrapartida, são as nossas crianças as que menos leem no mundo. (MELLO, 2008).

Desta forma a TV desempenha grande influência na formação da população brasileira agindo como educadora coletiva ao lado da família e da escola, porém com grande vantagem, pois traz consigo elementos fascinantes para esta infância nascida na era digital. O século XX trouxe o acesso das crianças a estes novos meios, assim como fez com que aquela inocência e dependência do adulto, comuns na Idade Média, fossem agora minadas por esta nova cultura popular.

Atualmente os pais se distanciam do ato de moldar a visão de mundo e valores dos seus filhos perdendo cada vez mais o controle sobre as experiências culturais estabelecidas pelos mesmos para as corporações detentoras das mídias direcionadas a este público. Segundo STEINBERG (2004) esta nova realidade brinda os adultos (pais e professores em particular) com um problema complexo que a autora chama de “O dilema da infância pós- moderna”

Conforme MELLO (2008), tornando mais complexa essa equação, é necessário admitir, portanto, que, se a qualidade do ensino proporcionado as novas

gerações for deficiente, inegavelmente a cultura de massa ( aquela produzida pelos meios de comunicação de massa) terá chances muito maiores de atrair e influenciar crianças e adolescentes.

Por isso a grande necessidade de adequar o ensino, o currículo escolar a esta realidade que precisa ser entendida e incorporada pela escola para que possamos construir novas formas de aprender e ensinar. De acordo com MACLAREN (1995) apud. STEINBERG (2004, pág.23) não se trata apenas de que as crianças simplesmente desenvolvam a habilidade de interpretar o sentido da mídia para que se tenha um entendimento crítico, mas que compreendam como consomem e investem afetivamente na mídia.

Mergulhar nesse universo das diferentes formas e estratégias de produção, veiculação e recepção de artefatos culturais é participar de uma investigação permanente sobre nós mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de constituir sujeitos e interpelar indivíduos e grupos sociais. (FISCHER, 2006, pg.109)

A TV com seu imenso poder de propagação de informações têm nos tornado individualistas, consumidores passivos e conformados com a realidade atual onde o crime, a corrupção, a violência se tornam parte do nosso cotidiano, notícias comuns e corriqueiras, algo enraizado à nossa realidade fazendo com que as crianças cresçam e se formem passivamente acomodadas a não interferirem e transformarem tal realidade que a elas parecem apenas fatos comuns da vida humana.

As mudanças do acesso das crianças ao conhecimento adulto sobre o mundo e a mudança que produz na natureza da infância têm minado as bases conceituais/ curriculares/ gerenciais sobre as quais o ensino foi organizado. (STEINBERG, 2004, pág.34)

A reformulação da escola e dos professores é essencial para o sucesso escolar das crianças, que já não mais aprendem sobre o mundo na escola, ao contrário disso, já chegam à escola com conhecimentos de mundo. Enquanto a escola negar a se adequar a este novo modelo de infância o que veremos é o fracasso escolar, desestímulo e muita dificuldade em interagir com esta nova criança

marcada pela tecnologia e pela TV. Os desafios são grandes e muito difíceis, pois se trata de décadas de tradicionalismo e de um modelo conservador de educação. Mas tal mudança é necessária para obtermos uma educação de qualidade, que desenvolva o pensamento crítico sobre as informações e uma interpretação legítima da realidade, sabendo distinguir e ler as informações explícitas e implícitas transmitidas diariamente pelos produtores de informações corporativos.

Censurar aquilo que nossas crianças têm assistido não é suficiente para protegê-las, precisamos conhecê-las, entender suas relações com o desejo, com a imaginação, com a realidade, com as novas formas de aprender e adquirir conhecimentos que elas estabeleceram, para que assim possamos como pais e educadores nos posicionar e guiar a formação de identidade e autonomia da infância pós-moderna. O professor deve estar preparado para mediar o conhecimento trazido pelo aluno transformando estas informações em conhecimento educacional e social. Usando estes novos meios e recursos o professor poderá auxiliar na formação de sujeitos aptos a se relacionar com o mundo ao ponto de comprometer-se com a transformação do mesmo e ainda proporcionar ao aluno uma proximidade entre a escola e seu cotidiano.

Segundo MELLO (2008) quanto mais às pessoas são informadas, educadas para uma leitura da mídia, mais assumem esse comportamento crítico, mais influem no conteúdo da mídia. Trata-se de uma vigilância cidadã daquilo que tem sido vinculado, mas para isso é necessário conscientizar educadores, pais, e as próprias crianças sobre o poder e a influência que a mídia tem exercido sobre nós, e como a escola ainda é vista pela sociedade como este espaço de formação e educação, cabe também a ela se adequar para oferecer uma educação mais próxima da realidade da criança pós-moderna, buscando interagir e proporcionar uma reflexão significativa sobre a mídia e seus produtos.

Nesse sentido, é importante reforçar que, se a partir da escola a criança receber instrumentos mais especializados - como uma educação para lidar com a tecnocultura comunicacional que tem provocado à tensão entre a linguagem oral, escrita e visual – e se ela tiver mais oportunidades e expressão e

desenvolvimento de suas habilidades comunicativas, seguramente será formado um receptor mais bem preparado e capaz de tomar decisões frente às mensagens midiáticas que lhes são oferecidas. (MELLO, 2008, pg. 64)

Diante de todas estas informações pudemos perceber que na atual realidade infantil e social será muito difícil proporcionar uma educação de qualidade e significativa para a criança sem considerar as influências externas pelas quais a infância tem passado na sociedade tecnológica e midiática em que vivemos. Por isso cabe a todos nós ressignificar o aprendizado e as práticas educativas adotadas pela escola, assim como o acompanhamento e mediação da família quanto ao uso das mídias pelas crianças.

### **3.1. Possibilidades de interação entre educação e mídia no espaço escolar**

Segundo Fischer (2006) nos últimos dez anos temos presenciado no Brasil o crescimento do espaço reservado à televisão na área da educação pública. A entrada do projeto TV Escola na rede pública brasileira criou um fato novo no cenário educacional viabilizando as condições de entrada da informação audiovisual na escola.

Por outro lado a autora relata ainda que a TV e o vídeo são tratados, geralmente como meros recursos didáticos que podem, eventualmente, atenuar o desinteresse dos alunos.

Desta forma o primeiro passo para uma parceria de sucesso entre mídia e educação é mobilizar a TV como recurso de aprendizagem e ao mesmo tempo observar e discutir seus conteúdos de maneira mais aberta e crítica, despertando no aluno um olhar e uma interpretação mais criteriosa da sua relação com as informações oferecidas pela TV e principalmente refletindo sobre as emoções geradas pelos produtos midiáticos. Fazendo assim mais sentido a TV poderá tornar-se um elemento realmente significativo no processo educacional.

A TV precisa entrar nas escolas e na formação dos professores não apenas como recurso, meio, mas também – e, sobretudo – como objeto de estudo. Televisão para ajudar a educar, sim, mas simultaneamente a uma educação para a televisão. A formação para a cidadania não pode mais dispensar uma consciente educação para as mídias, em especial para a mídia televisual. (FISCHER, 2006, pg. 113)

Cabe também à escola educar seus alunos para uma compreensão objetiva e crítica da linguagem e das mensagens da TV, identificando como ela funciona comercialmente, como interage com a realidade social, cultural e política no Brasil.

Dado que a televisão é a fonte de informação mais popular no Brasil, alcançando todas as faixas etárias, mas principalmente as crianças, torna-se indispensável que ela receba um tratamento de prioridade pelos currículos educacionais, porém a realidade tem sido o inverso, a escola tem respondido com desinteresse a esta realidade social e cultural brasileira.

Fischer (2006) afirma que é no âmbito da educação escolar que educar para a televisão é tarefa que precisa ser incorporada, por professores e por alunos. Introduzindo no processo de ensino-aprendizagem a leitura e análise de comerciais, programas, filmes e obras videográficas, de forma apoiada e orientada. Uma leitura das mídias mais crítica aumenta a capacidade de compreensão, distinguindo e ao mesmo tempo integrando conteúdos curriculares aos midiáticos.

De comum acordo com Braga e Calasans (2001), as interações mais evidentes entre Comunicação e Educação são propostas a partir das intencionalidades educativas, no esforço de aperfeiçoar os processos comunicativos necessários à obtenção de aprendizagem. (Apud. Fischer, 2006, pg. 57)

Os autores citam algumas delas:

- 1- Usos dos meios tecnológicos no ensino presencial e a distância;
- 2- Educação para os meios tecnológicos;
- 3- Leitura crítica da mídia;
- 4- Saberes escolares e saberes da experiência cotidiana e midiática;
- 5- Sistemas de representação dos processos escolares na mídia e desta na escola



Mas esta interação esbarra-se na fragilidade da formação dos profissionais da educação. Que na sua maioria não sabem lidar com a realidade atual de seus alunos, já que se trata de uma infância informada e “formada” também pela mídia.

A falta de conhecimento sobre o assunto e a falta de preparo para utilizar os meios, faz com que os professores ignorem a revolução cultural e social causada pelos mesmos na formação de seus alunos.

O que mais me impressiona é a constatação da fragilidade da formação dos professores, visível na dificuldade que em geral experimentam para pensar e expressar-se de modo autônomo. Portanto, para imaginar e criar, para perceber variáveis e conexões, para apreender a complexidade e a pluralidade. Refiro-me a características obrigatórias de uma educação compatível com o mundo contemporâneo. Porque é disto que se trata. ( FISCHER, 2006, pg.139)

Segundo a autora esta interação entre as linguagens verbal e audiovisual inicia-se, portanto, na formação dos professores para que em seguida possa ser integrada a educação escolar, buscando sanar o crescente desinteresse das crianças em relação aos estudos.

Partindo do ponto de vista que a escola foi criada, um dia, para cuidar da transmissão e do desenvolvimento da cultura letrada, nascida da linguagem verbal e do livro, não pode ela esvaziar-se de sua função maior e original, ao contrário disso precisa de uma proposta cultural que reavive suas funções mais significativas, no contexto atual.

Se não há mais como desconsiderar que a mídia é, em larga medida, produtora e conformadora de discursos de todas as ordens (político, educativo, econômico, religioso, ético, moral, dentre outros), à instituição de ensino cabe estar atenta a essa disseminação de ideias que dizem respeito a valores, comportamentos, atitudes, etc. no sentido de problematizá-las nos tempos e espaços escolares, favorecendo as aprendizagens do mundo e sobre o mundo. (MELLO, 2008, pg.27)

Desta forma o professor deve se preparar para estabelecer com seus alunos uma relação de mediação social e cultural junto à mídia, não abrindo mão de um papel que também é seu, integrando esta nova criança e realidade cultural à sua prática pedagógica, não no sentido de competir ou condenar os conteúdos midiáticos, mas ao contrário disso utilizá-los para estimular, orientar e ampliar a visão de mundo e o julgamento dos alunos de maneira que possam interagir com os meios de forma mais consciente.

Portanto faz-se necessário, neste momento histórico da sociedade brasileira pensar a educação com uma perspectiva comunicativa, onde o objetivo seja transformar o conhecimento midiático em conhecimento de conteúdo educacional e social. Segundo Mello ao usar os meios o professor pode contribuir para a constituição de sujeitos aptos a interagir com o mundo e a assumir posições comprometidas com a transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditando que se vive numa sociedade midiática, onde a cultura da informatização e da comunicação já é de fato uma realidade, os avanços ocorridos nos últimos anos desencadearam a evolução dos processos de ensino-aprendizagem. Porém, há uma notável resistência da escola quanto à interação das tecnologias, que se considera ser o elemento chave neste processo ao qual constituem as relações sociais e afetivas.

Isso demonstra a força e o poder da escola como instituição, sendo assim, por que não partir desta perspectiva e unir forças entre escola e mídia, sob o objetivo de se alcançar uma proposta que leve o aluno a ser parte integrante da construção do seu conhecimento? Que lhe proporcione formas de solucionar problemas, levantar hipóteses e chegar às suas próprias considerações, buscando com esta integração alcançar uma cultura de paz entre escola e mídia?

Esta abordagem configura-se como centrada no pensamento e na criação, no desafio, no conflito e na descoberta, podendo enriquecer o aprendizado, desde que a mudança corresponda a uma modificação da estrutura da universidade, no que diz respeito ao relacionamento entre professores, alunos e mídia.

Diante disso, as instituições de ensino e pesquisa têm a finalidade de preparar seus alunos para enfrentar a influência (positiva, e/ou negativa) dos meios de comunicação, contribuindo para uma sociedade desenvolvida e sadia. Buscando agir e interagir diretamente com a sociedade, e com a família buscando melhor estruturar suas ações e assim, conseguir organizar uma prática pedagógica que se adeque à realidade de uma cultura moderna e informatizada às necessidades de seus alunos. Mas há ainda outro fator: para sobreviver ao ambiente do próximo século, os próprios alunos deverão construir seu processo de aprendizado e de desenvolvimento cognitivo moral e social, mas para tanto, os estudantes devem ser preparados para a busca do conhecimento.

Desta forma, a escola é o espaço ideal para que isso aconteça, tornando-se uma organização eficiente no sentido de superar seus conflitos internos, capaz de construir uma teoria através da escolarização, que produza não uma estrutura

antiquada e ultrapassada, mas uma estrutura moderna e eficiente para alunos do século XXI que já chegam às instituições de ensino “alfabetizados pela mídia” e envolvidos por ela.

Conseqüentemente, a instituição educacional, torna-se imprescindível, não através somente da formação de indivíduos informatizados e antenados aos acontecimentos de um mundo em constante transformação, mas sim através da socialização, da formação de indivíduos capazes de conviver e de mover-se na sociedade de forma significativa e consciente.

Tendo a definição institucional dos produtos que serão utilizados neste importante processo de formação do ser humano, oferecendo a possibilidade de formarem-se cidadãos competentes, críticos e participantes no mundo globalizado.

A educação é o principal ponto de partida para esta missão modernizadora, bem como a estrutura dos currículos escolares, pois se vive numa sociedade que está em constante e rápido processo de mudança e profundidade crescente, onde o foco, há pouco tempo atrás, estava sobre as máquinas. Hoje, em plena era da informação, tecnologia, sabedoria, criatividade e conhecimento, o foco principal passou a ser o desenvolvimento pleno e contínuo do ser humano para agir e interagir com esta globalização de culturas, de informações, de conhecimentos diversos que toma conta do mundo.

Constatou-se que a integração das mídias nos processos de aprendizagem pode constituir um fator de inovação pedagógica, proporcionando novas modalidades de trabalho na escola. Porém, a escola não pode ignorar as transformações sociais e tecnológicas decorrentes da modernização e da globalização mundial. A escola, por natureza lenta, analítica e virada para o passado, tem de ser capaz de abandonar o tradicionalismo e tornar-se mais atraente, diminuindo as barreiras que a separam do mundo exterior, onde o aluno vai absorver grande parte das informações que lhe interessam.

Cabe assim à escola transformar-se de simples transmissora de conhecimentos, em organizadora de aprendizagens, e bem como de reconhecer que já não detém o monopólio da transmissão dos saberes, proporcionando ao aluno os meios necessários para aprender a obter a informação, para construir o

conhecimento e adquirir competências, desenvolvendo simultaneamente o espírito crítico, sendo que precisa transformar-se numa grande central de ideias que desperte no aluno o desejo de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

Faz-se necessário, entretanto, quebrar paradigmas, superar os medos e inseguranças e não mais ignorar a realidade em que vivem os alunos. A escola, até hoje com o poder de uma instituição formadora de opiniões que é, tem se fechado aos avanços tecnológicos, agindo à sua própria maneira. Os alunos, por sua vez, sentem-se desinteressados por este modelo ultrapassado de educação. Para que este dilema, que é a educação no Brasil, tome um novo rumo é preciso criar novos modelos para que o aluno perceba, compreenda, participe e contribua com os processos de transformação do mundo, e do seu próprio aprendizado, construindo uma sociedade mais saudável, solidária e ética, que possa desfrutar de uma melhor qualidade de vida, tornando-se mais feliz e construtora de sua história.

Considera-se enfim que há uma necessidade urgente de se educar as crianças para melhor conviver e interagir com os meios de comunicação. Assim, a mídia e seus produtos se tornarão uma grande ferramenta de trabalho para o professor, mas que deve ser bem empregada.

A educação para os meios cabe não só à escola ou aos professores, mas também aos pais, limitando o uso descontrolado da TV, da internet, da mídia em geral, já que o uso destes recursos poderá trazer vantagens e desvantagens à educação infantil e ao desenvolvimento cognitivo das crianças.

Deve-se, portanto, além de educar para os meios, proporcionar a interação entre as crianças, interação da discussão, oportunizando troca de opiniões simultâneas, de diálogos, onde as emoções passam de um indivíduo para o outro, sabendo que as crianças deste século conhecem cada vez menos a importância do calor humano transmitido pelo olho no olho e não pelo clique.

Gestos esses tão pequenos e cada vez mais raros na sociedade, mas que por sua vez, devem fazer toda a diferença nas relações pessoais e sociais, estabelecendo assim uma “cultura de paz” entre mídia e educação.

Diante disso o que realmente irá fazer a diferença sobre as tantas informações que as crianças estão expostas por intermédio da mídia, será o olhar do professor, a maneira como vê, como conduz seu olhar para o aluno e sua realidade.

Como educadores não podemos nos isentar à missão de transmissores de conhecimento e valores, e transmitir valores é mudar o olhar do educando, podemos, portanto, começar a educar, educando nosso próprio olhar, nos humanizando, para que assim possamos formar alunos críticos diante desta nova realidade.

## Referências Bibliográficas

- ADAMI, Antônio. **Mídia, Cultura, Comunicação. 2.** São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- ARIÈS, P. **A História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: CBIA, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/1998. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- FONTES, R. Criança. **Revista Presença Pedagógica**, v.11, n.61, p. 03-05, jan./fev. 2005.
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia. UERJ. RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.*
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia educação e cidadania: Tudo o que você de saber sobre mídia.** Petrópolis: Vozes, 2005.
- GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação do sílex ao silêncio.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- KHULMANN Jr., M. **Infância e educação infantil – uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LOPES, D.F TRIVINHO e R. (org.) Sociedade Midiática. 1ª Ed. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2000.
- MELO José Marques de. **Mídia e Educação** / José Marques de Melo, Sandra Pereira Tosta. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas e Educação)
- PRIORE, M. **História das crianças no Brasil (Org.).** São Paulo: Contexto, 2000.
- STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L.. **Cultura Infantil. A construção Corporativa da Infância.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- ZANCHETTA JUNIOR, J. **Desafios para a abordagem da imprensa na escola.** Campinas, Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1497-1510, set./dez. 2005.